

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UF HR

CAJAZEIRAS

O DOMÍNIO DO CLIENTELISMO ELEITORAL

FRANCISCO SALES CARTAXO ROLIM

TEXTOS UFPb/NDiHR Nº 14 JULHO/86

UFPBNDiHR

## A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa "Sistema Partidário e Eleições na Paraíba", financiada pelo CNPq e desenvolvida por uma equipe de pesquisadores ligados ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB e a Fundação Casa de José Américo.

Esta pesquisa, coordenada por nós, foi desenvolvida no NDIHR entre 1982 e 1983, sendo gerida financeiramente pela Fundação Casa de José Américo.

Como resultado final tivemos : dois textos sobre a eleição de 1982 na Paraíba, dentro do marco regional; um texto sobre a reconstituição histórica das eleições na Paraíba, (1945 - 1978); doze trabalhos sobre as eleições de 1982 em onze municípios paraibanos .

O texto "Clientelismo e Máquina Estatal na Eleições de 1982", da minha autoria, aborda a eleição no estado da Paraíba situando-a dentro do marco regional. Um resumo desse trabalho foi publicado em 1985 pela Editora Massagana, da Fundação Joaquim Nabuco de Recife, numa coletânea organizada por Joaquim Falcão, intitulada NORDESTE ELEIÇÕES. O texto integral será publicada em 1986 pela Editora Universitária da UFPB.

José Otávio de Arruda Melo, além de elaborar um volumoso texto sobre a eleição estadual, se deteve especialmente na análise da eleição na capital, o que originou um ensaio, publicado pelo boletim nº 6 do Departamento de Geociências da UFPB.

Maria João Nazareth de Oliveira estudou especificamente o comportamento da população de baixa renda da capital, como parte da pesquisa de sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais, da qual passei a ser orientadora. Os outros municípios pesquisados foram: Campina Grande (William Tejo), Sapé (Plauto Mesqui

ta de Andrade), Alhandra e Conde (Nely Cavalcanti), Catolê do Rocha (Neiliane Maia), Patos (Flávio Sátyro), Cajazeiras (Francisco Cartaxo Rolim), Teixeira (Teresinha de Jesus Ramalho Pordeus), Princesa (Mariângela Sitônio Wanderley) e Conceição (Cristiano Zenaide Paiva).

Rosa Maria Godoy Silveira fez o levantamento e elaborou o texto sobre "Reconstituição Histórica das Eleições na Paraíba (1945 - 1978): Resultados e Tendências.

A equipe inicial de dezessete pesquisadores ficou reduzida a onze, com o conseqüente sacrifício de algumas propostas no projeto original.

A escolha dos municípios foi feita em função da sua importância sócio-política e econômica, ou por apresentarem especificidades de alto interesse para a pesquisa, como o coronelismo ou a existência de áreas de tensão social.

A equipe além da utilização de acervos bibliográficos e documentais, fez uma atenta leitura e fichamento do noticiário político dos principais jornais e revistas paraibanos e de circulação nacional.

Inúmeras entrevistas foram realizadas com candidatos, líderes políticos e comunitários. Algumas foram gravadas, outras, destinadas a pesquisar os bastidores da política, não tiveram registro formal, mas desvendaram aspectos valiosos que de outra forma teriam sido perdidos.

Os debates na TV, no rádio, na Universidade, os comícios, as reuniões partidárias etc... todos foram acompanhados e registrados pelos membros da equipe.

Junto com José Otávio participamos de debates sobre as eleições, aberto ao público no rádio e na Universidade. Ambos escrevemos artigos para os jornais locais.

A equipe reunia-se periodicamente para debater, analisar e avaliar os principais acontecimentos políticos do momento.

Humberto Melo fez um levantamento da legislação eleitoral brasileira, de 1945 à 1982, cujos resultados foram expostos ao grupo. Infelizmente não resultaram num texto escrito.

José Otávio realizou um levantamento preliminar da situação política dos municípios a serem pesquisados, na fase inicial da campanha, que abriu o debate interno.

O historiador Décio de Freitas, convidado a prestar uma assessoria à equipe, logo na fase inicial da pesquisa, nos forneceu os parâmetros metodológicos da mesma.

Bastou seu estímulo inicial. A partir daí, a equipe caminhou sozinha, a ele nosso agradecimento.

Naturalmente não foi fácil coordenar um grupo tão numeroso, formados por profissionais de áreas diversas (História, Sociologia, Ciência Política, Ciências Jurídicas) cada qual com sua visão própria do fato político e seu estilo próprio de trabalho.

Como coordenadora nos coube a tarefa de delimitar os principais objetos de estudo, e de padronizar, na medida do possível, a confecção das monografias.

Os primeiros textos produzidos foram lidos e discutidos em grupo para efetuar eventuais modificações. Os textos elaborados posteriormente, fora do cronograma previsto, foram por nós revisados.

Cada pesquisador teve ampla e irrestrita liberdade nas suas análises cabendo-lhes portanto a total responsabilidade pelo produto final.

Maria Antonia Alonso de Andrade

ODOMINIO DO CLIENTELISMO ELEITORAL

Francisco Sales CARTAXO ROLIM (\*)

INTRODUÇÃO

Esta análise acerca das eleições, em Cajazeiras, privilegia os aspectos relacionados com a disputa municipal, secundarizando o pleito para Governador, Senador e Deputados. Esta e outras restrições foram impostas por limites de espaço e por motivo de ordem metodológica, na medida em que o objetivo central do estudo se dirige a luta pelo poder local.

Se concentramos nosso foco de observação na questão local, não desprezamos os pontos de interação mais relevantes com a batalha estadual. Seria simplificar em demasia a realidade.

Muito a propósito, preferimos a análise qualitativa ao exame numérico exaustivo, tão ao gosto de determinados trabalhos do gênero, que deificam as tabelas e as elegem como a própria verdade.

Ao leitor avisado ou mais exigente, cabe esta advertência: impossível procurar aqui uma interpretação completa, acompanhada de narrativa abrangente de todos os episódios típicos de uma campanha eleitoral, incluindo aí a conduta dos principais agentes.

Não foi fácil ao autor- candidato derrotado-eliminar as naturais idiossincrasias agregadas no fogo da luta, ainda que tenhamos o cuidado de minimizar sua interferência na análise dos fatos, procurando evitar distorções capazes de deturpar o real, amoldando-os às conveniências políticas ou pessoais. Não nos propusemos assumir postura de neutralidade científica, de resto impossível, mas fizemos esforço para enxergar os fatos com honestidade intelectual.

---

(\*) Francisco Sales CARTAXO ROLIM é funcionário do Banco do Nordeste do Brasil, tendo trabalhado, antes, na SUDENE. Foi Professor de Economia da Universidade Católica de Salvador e Secretário de Planejamento da Paraíba: É autor do livro Política nos

A ascensão oposicionista confirmou-se dois anos depois, quando, pela primeira e única vez, o MDB vence uma eleição em Cajazeiras, mesmo assim só a de caráter majoritário, com Ruy Carneiro à frente. As disputas para os demais cargos, foram ganhas pela ARENA, ainda que o MDB tenha demonstrado vigoroso desempenho, ficando sua legenda para a Assembléia estadual abaixo da outra em apenas onze pontos percentuais. Também nessa eleição, sucedeu fenômeno semelhante ao que ocorrera no pleito municipal anterior: nítida polarização inter-partidária. Desta vez concentrada nos candidatos locais a Deputado estadual, Edme Tavares e Bosco Barreto.

Na disputa de 1976 para Prefeito e Vereadores começa a consolidar-se, no plano eleitoral, a bi-polarização, refletindo a profunda luta interna entre facções da ARENA local. A apresentação de dois candidatos a Prefeito (José Derville Araruna e Francisco Matias Rolim) é o resultado das divergências. Esse fato, em conjugação com um certo desinteresse da oposição pela luta política, enfraqueceu o MDB que, de 47,8% dos votos em 1972, caiu para 37,6%, em contraposição ao crescimento numérico da ARENA que teve sua participação percentual aumentada de 50,0% para 60,2% entre dois pleitos.

A eleição de 1976 foi polarizada dentro das hostes do Governo, muito embora tenha permanecido em elevado nível a popularidade do então Deputado estadual Bosco Barreto, um dos candidatos a Prefeito, ao lado do velho pessedista e incorrigível disputante Acácio Braga Rolim. Um núcleo básico de eleitores de oposição permaneceu fiel a sua identificação partidária, em grande medida decorrente da herança do velho PSD que encontrou alento na pregação carismática de Bosco Barreto.

Dois anos depois, na eleição estadual, o fenômeno da bi-polarização entre partidos volta a surgir no cenário político local com a presença de dois cajazeirenses na disputa para o Senado: Ivan Bichara Sobreira e, mais uma vez, Bosco Barreto. Criou-se um clima de meditação de forças. De um lado, o ex-Governador, recém saído da chefia de Executivo, com larga folha

de serviços prestados à sua terra, mas tendo deixado profundas mágoas pelo fato de não ter-se ajustado aos esquemas de comportamento político local, marcado por duplo sentimento: o orgulho da conterraneidade e a frustração pela falta de integração à vida e as coisas de Cajazeiras como queiram os que lá residem. Do outro lado, o líder populista Bosco Barreto explorando com muita eficácia a bandeira dos pobres, dos afilhados do Padim Ciço, dos trabalhadores rurais desprezados e outras do gênero demagógico, sem esquecer os ingredientes mais sensíveis à cultura sertaneja, dentre todos, o do machismo.

O fenômeno bi-polar funcionou. A diferença de legenda para o Senado, em favor de Ivan Bichara, ficou em magros cinco por cento (47,7% contra 42,7%), o que pode ser considerado inusitado, em razão do desequilíbrio de forças, àquela altura já claramente delineado no quadro político de Cajazeiras e expresso dois anos antes, na eleição municipal.

Interessante observar que houve também um outro tipo de polarização eleitoral, dentro do próprio governismo. Com efeito, a concorrência para a Assembléia estadual, colocou frente, o ex-Prefeito Antonio Quirino e o já Deputado Edme Tavares, rachando as preferências que se manifestaram na eleição municipal precedente, ainda muito vivas na memória e nos rancores que aquela disputa deixou entre lideranças de segunda e terceira grandezas no cenário local. O simbólico candidato estadual apresentado pelo MDB (o então Vereador Constantino Nogueira) não conseguiu sequer manter o núcleo básico das forças oposicionistas. Tanto é assim que o percentual de votos dados à legenda medebista caiu de 41,3% em 1974, para 22,4%, paralelamente a um crescimento significativo dos votos da ARENA que subiram de 52,2% para 63,5% entre os dois pleitos.

Dos dados até aqui mostrados, pode-se inferir que a conduta do eleitorado cajazeirense girou em torno de polos de aglutinação de forças, nos pleitos recentes, de modo a ajustar interesses de grupos de pessoas, sem muita coerência com postulados partidários. O sucesso maior do MDB ocorreu

exatamente naqueles anos em que foi possível, graças às regras eleitorais, liberdade de voto sem as amarras que caracterizaram a última eleição, além de outras condições, transformá-lo no outro polo. Quando as circunstâncias permitiram, a mensagem de oposição ressoava nas urnas, carregadas de votos.

#### ESCOLHA DOS CANDIDATOS LOCAIS

De modo geral, o processo eleitoral tem na escolha dos candidatos uma etapa difícil. Em 1982, as dificuldades que cercam a definição de nomes foram aprofundadas por força das alterações na legislação partidária e eleitoral, processadas nas proximidades do pleito, notadamente no que respeita aos reflexos nos arranjos e acomodações decorrentes da criação e incorporação de novos partidos.

Vejamos os lances mais significativos que caracterizaram a fase pré-convenção partidária em Cajazeiras, com destaque para as definições dos candidatos a Prefeito. Estavam estruturados naquele município três partidos: PDS, PMDB e PT. O PTB ensaiou organizar-se encoberto em uma farsa, na medida em que seus dirigentes eram ligados a uma das facções da ARENA e usariam o novo partido como uma saída para qualquer caso que viesse impossibilitar a apresentação de candidato em sub-legenda. Pelo menos era esse o raciocínio e a estratégia dos pretensos petebistas cajazeirenses, chefiados pelo Médico arenista Júlio Bandeira, hoje Vereador no município de Bom Jesus.

No âmbito do governismo, separados em Cajazeiras em dois blocos bem demarcados, a dificuldade maior só ocorreu com uma das alas, precisamente aquela comandada pelo então Prefeito Francisco Rolim e pelo Deputado estadual Antônio Quirino de Moura. Do outro grupo pedessista saiu como candidato, lançado com muita antecedência, o seu procer mais expressivo, o Médico Eptácio Leite Rolim, ex-Prefeito, ex-Secretário de Saúde do Estado e ex-Deputado estadual.

Os partidos de oposição definiram seus candidatos a

Prefeito e Vereadores em fase bem avançada do processo, em razão dos obstáculos representados pelas indefinições legais relacionadas com a reformulação partidária.

### Tentativa de Pacificação

Antes de traçar o quadro formalizado nas convenções municipais que sacramentou os postulantes aos diversos cargos municipais, é conveniente narrar, sem maiores comentários, os fatos que cercaram tentativa de pacificação política.

A partir de entrevista que o autor concedeu à Difusora Rádio Cajazeiras, na Semana Santa de 1981, colocando seu nome à disposição das lideranças políticas locais com vistas a uma disputa pela Prefeitura, o empresário Clóvis Rolim entusiasmou-se com a possibilidade de patrocinar o que ele chamava a "pacificação da família política cajazeirense." Tomou então duas iniciativas de grande repercussão: em entrevista à mesma emissora levantou a idéia e, já de Fortaleza, onde reside, passou a articular o movimento, com a desenvoltura de quem transita livremente em todas as áreas políticas.

A tentativa de pacificação se restringia às correntes governistas, deixando de lado a oposição. Tratava-se de acomodar os grupos pedessistas de forma que seus principais líderes saíssem contemplados com melhores chances de vitória ou tranquilidade eleitoral.

A idéia de "pacificar" o ambiente político de Cajazeiras não prosperou pela recusa daquele que estava sendo cogitado como o candidato a Prefeito, sob o argumento de que mantinha compromissos partidários com a oposição, sendo filiado ao PMDB e, portanto, só aceitaria discutir o assunto em uma mesa redonda ampliada de tal sorte que abrigasse, também, os opositoristas. É óbvio que semelhante proposta não poderia ser aceita.

### Os Postulantes

Após essa frustrada tentativa de união de forças po

líticas locais, e, clasificado o cenário legal para a realização do pleito, foram postas as candidaturas. O PDS apresentou como postulantes ao cargo de Prefeito os Médicos Epitácio Leite Rolim e Antônio Vituriano de Abreu, tendo como seus companheiros de chapa, na condição de Vice, o Médico João Pessoa de Souza e o Advogado João de Deus Quirino, respectivamente.

O processo de escolha dos candidatos provocou fissuras na ala do Prefeito Matias Rolim, de sorte que alguns de seus acompanhantes passaram a apoiar o candidato da outra facção pedestista. Mesmo com esses pequenos arranhões, não houve grandes traumas. Da mesma forma, conteceu com a seleção dos candidatos à Câmara Municipal, muito embora os postulantes fossem em número bem maior do que as vagas existentes, ou seja, 39 lugares, correspondentes a três vezes a quantidade de cadeiras. A distribuição de alguns empregos, a promessa de outros tantos, a compensação financeira imediata e outros artifícios foram suficientes para acomodar os descontentes por não conseguirem um lugar na chapa de Vereadores...

Já no âmbito das oposições os problemas adquiriram outra natureza, em decorrência da falta de quadros dispostos a enfrentar as urnas. Após algumas discussões internas, o PMDB acertou o lançamento de três candidatos a Prefeito, com o propósito de criar um artificial clima psicológico de vitalidade partidária e para atender a certas conveniências de companheiros habituados às disputas locais. Assim, o PMDB formalizou a indicação dos nomes de Francisco Sales Cartaxo Rolim, ex-Secretário de Planejamento do Governo Ivan Bichara e militante do PMDB desde sua fundação, Patrício Pires Nogueira, ex-Vereador, e Acácio Hrago Rolim, velho batalhador do antigo PSD, ex-Prefeito e ex-Deputado estadual e concorrente à Prefeitura em quase todos os pleitos, a partir de 1963. Como Vice-Prefeito foram apresentados apenas dois candidatos, Geraldo Pinheiro Brandão, vinculado aos postulantes de legendas I e III e Odízio Trajano de Sena, como companheiro de chapa de Patrício Nogueira.

O PT, coerente com sua composição social, predominante em Cajazeiras, e, de resto no Brasil, indicou como candidato a Prefeito o Professor Universitário José Maria Gurgel tendo como companheiro de chapa o agricultor José Leite da Silva.

A estratégia explícita do PMDB era apresentar chapa completa à Câmara Municipal, tendo-se movimentado para alcançar o registro de 39 candidatos. Tratava-se de dar uma demonstração de vigor partidário, considerado importante do ponto de vista psicológico, capaz de anular a difusão da tese de que o PMDB de Cajazeiras se extinguiria. Impossível cumpri-la. A pressão exercida pelos mais diferentes processos foi de tal ordem que muitos candidatos desistiram, após demonstração de entusiasmo com a causa oposicionista. Compromissos foram desfeitos, às vésperas da convenção homologatória e, pelo menos um, depois de lançado candidato e em plena campanha peemedebista...

Esse aspecto oferece interesse do ponto de vista da análise política interiorana, pois permite avaliar o grau de dificuldade do exercício partidário a nível de oposição, onde há profundo desequilíbrio de forças. Por esse motivo, convém aprofundar a narrativa.

O processo de convocação de candidatos a Vereador era comandado pelos postulantes à Prefeitura e por outros candidatos, na mesma época da filiação. De modo geral, não havia nenhum rigor seletivo, não se exigia requisito algum, salvo o da coragem cívica de postular um lugar na Câmara pela oposição, com o intuito de ampliar o espaço eleitoral do PMDB. Após a aceitação, em muitos casos, vinha a desistência, quase sempre acompanhada da explicação de que era impossível "desgostar" determinada autoridade municipal ou estadual que procurara o pretense candidato com ameaças veladas ou abertas, quando não comprando sua omissão com dinheiro mesmo. Até o expediente emocional foi utilizado com sucesso, em pelo menos um caso, ainda por cima conjugado com a ameaça de punição de familiares empregados do Governo...

Ao final de toda essa maratona, o PMDB logrou - a apresentar uma chapa com 19 candidatos, incluindo um que abandonou a luta em meio do caminho e o PT 11, contando com quatro deles que obtiveram nas urnas 1 ou 2 votos apenas...

## CAMPANHA ELEITORAL

### A Estratégia da Oposição

O desenrolar da campanha se deu sem grandes diferenciações do padrão normal de época eleitoral no interior. O PMDB arquitetou um esquema buscando funcionar como um polo capaz de anular a histórica rivalidade entre as duas correntes formadoras do governismo. Essa linha estratégica contudo não resultou eficaz em virtude de uma série de fatores, entre os quais destacamos esquematicamente:

a. a arraigada disputa que marcava as duas alas do PDS, de tal modo consolidada que se irradiava à massa eleitoral;

b. a apresentação de três candidatos pelo PMDB ampliou a dificuldade de personalizar a luta interpartidária, na medida em que não ficava muito claro, a nível da percepção do eleitor, o contraste governo-oposição;

c. os candidatos do PMDB não se comportavam, na prática, com agressividade suficiente para atrair a "paixão" do eleitorado e, em nenhum momento, ficou bem definida com qual das correntes do PDS se tentaria a polarização;

d. o uso efetivo da linguagem de oposição, em termos locais, por parte do candidato do PDS contrário ao esquema da Prefeitura, retirando do PMDB um dos seus trunfos mais fortes em campanhas anteriores;

e. a notória falta de condições de vitória dos partidos de oposição, fator inibitório de adesões e de demonstrações de entusiasmo popular, ingredientes essenciais nas lutas eleitorais do interior.

Ao lado daquela intenção estratégica, o PMDB explorava com mais frequência os temas estaduais e incursionava, também, na temática geral do custo de vida, do desemprego, da dívida externa e da alienação da economia nacional, do abandono a que se relegava o Nordeste, trazendo a tona as questões de interesse imediato como a da emergência e desmandos administrativos. Em alguns casos, a abordagem de tais temas representava desesperada busca de reorientar o rumo da campanha, visivelmente, municipalizada. E a municipalização seria o desastre do PMDB, como de fato foi.

Durante razoável período da campanha, houve a impressão de que seria viável uma reorientação naquele sentido. Isso se deu quando a Candidatura de Antônio Mariz começou a crescer e a influenciar as pessoas, notadamente, como reflexo do bom uso do rádio na transmissão de comícios posicionistas. A mensagem peemedebista ganhava espaço na medida em que a identificava com as preocupações dominantes no seio do eleitorado sertanejo, ainda que, muitos dos assuntos tratados não pudessem ser percebidos com clareza por grande parte da população. Mais do que a limpidez da mensagem, calava fundo no espírito do sertanejo a descoberta de que a oposição peemedebista estava forte, pois o PMDB abrigava líderes como os ex-Governadores João Agripino, Pedro Gondim, Dorgival Terceiro Neto e outras figuras que funcionavam como atração nos comícios e imprimiam um cunho de vitória à campanha oposicionista.

Essa tentativa de estadualizar o pleito esbarrava no varejo da luta política. Morria na falta de condições materiais de competição assistencialista dos blocos partidários de oposição. Passado o efeito das ondas favoráveis ao PMDB, causadas por uma grande concentração pública ou pela felicidade de uma entrevista radiofônica bem aceita, voltava-se ao dia a dia cruel do desequilíbrio de forças no plano municipal. Mergulhava-se, outra vez, no mundo de fuxicos e agressões pessoais, muito ao gosto das populações situadas em nível de politização primário. E nesse campo, o PDS exercia sua esmagadora supremacia...

sem contar a política de favor aguçada no período eleitoral e mobilizante de muitos chefes e chefetes, ansiosos por mostrar eficiência.

E o PDS fazia isso extrema naturalidade e competência. Recorde-se que o grupo comandado pelo Sr. Epitácio Leite fora reforçado com o apoio do suplente de Senador Bosco Barreto que levou para o PDS a irreverência de seu temperamento, a ousadia de suas acusações de caráter pessoal, quase sempre canalizadas para o grande eleitor do oponente de Epitácio, o Prefeito Matias Rolin. Este, por sua vez, respondia na mesma moeda, estimulando mais ainda a disputa em raio estreito do círculo sub-paroquial. E a massa gozava as delícias de ver a raquítica elite municipal desmanchar-se em acusações mútuas de roubos, incompetência administrativa, enriquecimento ilícito, condutas amorais, incoerências e contradições. Tudo isso, debaixo de feéricas luzes de trios elétricos, de barulhentas orquestras e da presença de ídolos da música popular nordestina, contratados para as grandes festas do governismo cajazeirense... E dava certo. A polarização manteve-se impassível. O processo de municipalização do pleito seguiu seu curso, marginalizando a fantasia petista de aglutinar os sem terra e sem oportunidade de trabalho, sob a legenda de "trabalhador vota em trabalhador" e olhando com ironia para o esforço do PMDB de enterrar 20 anos de controle político, "passando de mão em mão, mas nas mesmas mãos..."

### O Rádio, a Igreja e o Voto Canarão

O Rádio é o instrumento mais importante da difusão neste imenso grotão nordestino. Cajazeiras mantém suas duas emissoras AM e se orgulha de ter a primeira FM do interior do Nordeste semi-árido. Com todo esse aparato radiofônico em uma cidade de 35 mil habitantes não é de se estranhar a relevância de seu uso em épocas eleitorais. O sucesso da campanha oposicionista de 1974 em toda a parte e, particularmente, em Cajazeiras

se deveu, com certeza, à possibilidade de acesso indiscriminado ao rádio, longe do rigor da obscurantista Lei Falcão.

A animação da campanha e seus momentos mais favoráveis à oposição ocorreram, exatamente, quando as emissoras começaram a convocar os candidatos a Prefeito e Vereadores para participar de debates e entrevistas. Sem o respaldo de pesquisa de opinião de resto desnecessário em situações como a vivida em Cajazeiras, é fora de dúvida que o principal candidato a Prefeito do PMDB sempre ganhava pontos no conceito geral do eleitorado, a cada programa de que participava quer sob a forma de entrevista ou pronunciamento isolado, quer em conjunto com outros postulantes. Crescia de significação a luta oposicionista.

A consciência desse fato, levou o PDS a comprar a Rádio Alto Piranhas, a mais dedicada à programação de natureza política, com larga aceitação em toda a faixa sertaneja da ribeira do Rio do Peixe e Vale do Piancó. A emissora pertencia à Diocese de Cajazeiras e foi transferida ao partido do Governo, através do grupo empresarial local, vinculado, politicamente ao Deputado Edme Tavares e ao Sr. Wilson Braga. A transação efetuou-se em abril de 1982 e se seguiu da costumeira perseguição política, materializada na demissão dos funcionários que pertenciam às correntes oposicionistas, entre eles, o vereador João Bosco Amaro, líder do PMDB na Câmara Municipal.

Consumada a venda, a Rádio Alto Piranhas passou a colocar em prática a estratégia de abrir espaços generosos para seus preferidos e boicotar aqueles que não pertenciam à corrente que assumira o controle da emissora, isto é, a outra ala de PDS e o PMDB. O PT foi o grupo que menos sofreu com a alteração, uma vez que lhe foram abertos espaços, talvez por ser, no âmbito local e dentro da ética dos novos donos da RAP, inofensivo... O grande desempenho pela emissora governista se deu no período de 60 dias que antecede o pleito. Sem possibilidade de acesso aos meios de comunicação social, os candidatos oposicionistas ficavam apenas com o amargor de ouvir toda a sorte de sandice e distorção dos fatos nos noticiários e programas

destinados a divulgar os nomes dos candidatos da preferência da emissora. Diariamente, se infringia a legislação eleitoral, sem remédio eficaz, graças às artimanhas usadas pelos redatores e noticiaristas. Durante dois meses, o princípio de "aos amigos tudo e aos inimigos a Lei" funcionou com grandes estragos na imagem que a nova oposição cajazeirense estava construindo, com seriedade e muito esforço.

Talvez tenha sido essa a grande contribuição do clero cajazeirense ao processo político local. Com a venda da RAP, ampliaram-se as condições favoráveis à manutenção do conservadorismo. Na verdade, a posição da Igreja em Cajazeiras no campo político tem sido de total obscurantismo. As poucas iniciativas surgidas de modernizar a prática pastoral, imprimindo-lhe cunho popular, foram mortas em seus primeiros passos, por meio da transferência, para outras Dioceses, de padres e freiras portadores das mensagens e práticas ajustadas aos princípios consagrados no Concílio Vaticano II, em Medellín e em Puebla.

Contrastando com o clima oficial da Diocese de Cajazeiras, o PMDB tentou, sem sucesso, divulgar a orientação da Arquidiocese da Paraíba, acerca das eleições, contida no Multirão da Vida, nº 19, de outubro de 1982, pondo em destaque a mensagem de D. José Maria Pires aos "Companheiros da Caminhada", cujos trechos eram lidos e interpretados em comícios e reuniões.

Outro ponto que merece ser focado se refere à apregação do chamado voto camarão. Em alguns estados no Nordeste, a tática foi utilizada com resultados adversos para a oposição na medida em que deixou clara a consciência da derrota para Governador, afugentando muitos companheiros da luta em seus momentos finais.

O reflexo de tal apelo no âmbito do município se fez sentir sobretudo no engajamento de indecisos ao lado de um dos candidatos a Prefeito do PDS.

Em Cajazeiras, a manifestação expressa em praça pública pelo ex-Governador João Agripino redundou em desastrosa confissão de simpatia por um dos candidatos a Prefeito do PDS,

não só pela forma como colocou a questão, mas sobretudo, pela versão que ganhou. O jornal O NORTE, de 7 de setembro de 1982, publicou em notícia de primeira página: " O ex-Governador João Agripino, um dos candidatos do PMDB à Câmara dos Deputados, surpreendeu bom público que assistia sábado à noite, em Cajazeiras, a um comício do seu partido, ao recomendar votos para o médico Epitácio Leite Rolim, candidato à Prefeitura local pelo PDS. O voto a Epitacio, segundo Agripino, deveria ser dado por aqueles que não desejassem votar em qualquer dos três candidatos do PMDB para Prefeito de Cajazeiras, desde que fizessem uso da chapa camarão. Antes do comício, Agripino foi à casa de Epitácio Leite Rolim (...)com quem conversou demoradamente".

Semelhante versão, bem próxima aliás do que se deu, foi difundida largamente pelos interessados e provocou de ânimo entre os opositoristas, notadamente pelo indiscutível prestígio que a velha raposa desfruta em todo o Estado e em Cajazeiras.

### Componentes Ideológicos

Os ingredientes ideológicos inseridos na luta política em Cajazeiras ficaram por conta do Partido dos Trabalhadores e de alguns setores do PMDB que tentavam, a muito custo, chamar a atenção do eleitorado para a importância do voto contra a ditadura, contra o Governo responsável pela situação de fome e de miséria prevalecente no Brasil e na região. Pequenos ensaios de organização foram tentados, sem contudo resultar em algo positivo ou animador.

A esse respeito, convém registrar que a pregação do PT era dirigida, também, contra as notórias contradições do PMDB, criando um clima artificial e, seguramente marginal, no processo político cajazeirense. Enfim, uma falsa briga que ,

em nosso caso, não agregava nada, salvo o pequeno enriquecimento do folclore político local...

Diante de um quadro de pobreza absoluta, carências de toda a sorte e da inexistência de organização popular, a pregação ideológica parecia algo tão distante da realidade que se tornava contraproducente, na proporção em que caíam no descrédito seus patrocinadores. Impossível sustentar teses ligadas à luta de classes, à exploração de posseiros, meeiros, trabalhadores assalariados, urbanos ou rurais, conquistas de espaços pelos moradores dos bairros periféricos em um ambiente marcado pela inconsciência quase total e pelas preocupações imediatas com a fome, a falta de teto, de remédios e de empregos. Tudo isso dentro de cenário histórico sem tradição de luta ideológica, em que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais nada mais é do que instrumento de manipulação de uma das correntes do PDS, como fôra da ARENA em passado recente.

Na verdade, em épocas menos próximas, isto é, nos anos cinquenta e sessenta, medrou em Cajazeiras pequeno núcleo de ativistas de esquerda, vinculados uns ao Partido Comunista Brasileiro e, outros, aos famosos grupos dos onze, entusiasmados com a pregação libertária do Sr. Leonel Brizola, na época em que teve a pretensão de organizar o povo brasileiro pelo rádio. Pois bem, desse período restou um sentimento de angústia em poucos militantes que, após 1964, não conseguiram mais aglutinar-se. A morte natural levou alguns. Outros mudaram de residência. Parcela houve que se entregou de corpo e alma à ação política em defesa do Governo, em troca das suas benesses, e, o restante, resistente e pouco expressivo, manteve-se na moita vingando-se de seus empregadores (o próprio Governo) jogando a bomba-voto na urna, em protesto solitário.

Difícil acreditar que a prática política com base em pressupostos ideológicos em cidades como Cajazeiras possa prosperar. Está arraigado na massa o sentimento de que o voto é um bem de troca e seu exercício deve-se dar de modo a permitir algum ganho atual ou futuro. A constatação dessa verdade é uma

rotina para quem atua politicamente no interior do Nordeste. Em certas áreas, como em Cajazeiras, o voto de curral adquire lógica própria no sentido de que independe de partido e sofrem os eleitores tremenda pressão social de maneira que se inferioriza aquele que dá seu voto de graça. Impõe-se trocá-lo por alguma coisa. Os vizinhos não perdoarão os que deixarem de aproveitar o momento da eleição para usufruir de vantagem por mais insignificante que seja. O mínimo que lhes pode acontecer é serem taxados de bobos, tolos ou idiotas.

Um outro ponto merecedor de registro é a conduta de pequeno grupo ligado ao trabalho comunitário de base, com atuação sob a forma de associações de bairros. Desde 1977 que, segundo o "Jornal dos Bairros" (mimeografado, Cajazeiras-maio de 1981), existe tal movimento, a partir da criação do grupo dos jovens do Bairro da Esperança. Com dificuldades, o núcleo inicial começou a ampliar-se aos Bairros de Santo Antônio, São José e Casas Populares.

Agindo em ambiente pouco receptivo a esse tipo de atividade associativista, os dirigentes de tais iniciativas comportam-se à moda do porco espinho, no sentido de que se fecham, como único mecanismo de defesa contra as "impurezas" da vida política e a possibilidade de manipulação eleitoral. O Correio da Paraíba de 17.11.82, divulga matéria de responsabilidade de sua sucursal em Cajazeiras, entregue ao jornalista José Alves, sob o título "Bairros Não Farão Política", informando que: "Comunidades de bairros de Cajazeiras estiveram reunidas recentemente para discutirem um posicionamento político do movimento com relação aos partidos, tirando as seguintes conclusões: 1º) as pessoas ligadas ao movimento de bairros de Cajazeiras não se filiarão a nenhum partido político, por não considerá-los o ideal instrumento de organização das classes populares; 2º) será feita uma ampla discussão nas bases a respeito da questão do voto, já que não se pode tirar uma conclusão no encontro; 3º) as entidades populares, sindicatos, associações, não devem se vincular a partidos políticos, sob pena de servir apenas como correia de

de transmissão dos partidos."

Com essa postura, ao que parece, o movimento foi até as eleições, estoicamente puritano, passando ao largo do PT e do PMDB e anulando o voto, em plena época da abertura política e da conquista de largos espaços pelos segmentos até bem pouco tempo marginalizados do processo político, em função de ação revolucionária.

### INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

#### Os Números do Pleito

A eleição de 1982 se processou, em Cajazeiras, sem a presença de fatores favoráveis à oposição. Ao contrário, tudo conduzia ao sucesso do PDS, na condição de herdeiro da ARENA. Os números finais do pleito são suficientes para avaliar-se o contraste com as situações anteriores.

Compareceram às urnas 18.955 de um total de 28.920 e leitores inscritos, representando 34% de abstenção, um dos maiores índices registrados na Paraíba, naquele ano, e superior em 11% a abstenção geral verificada no estado.

Os dois candidatos do PDS obtiveram, em conjunto, 15.312 votos, os três do PMDB 2.126 sufrágios e o do PT apenas 190 votos. Em termos relativos aqueles números representam 80,8% e 1,0% respectivamente. Nunca a história política de Cajazeiras, a partir da instituição do voto secreto, registrou vitória de uma agremiação partidária, de forma tão expressiva. O PMDB conseguiu eleger apenas um Vereador em uma Câmara Municipal que teve seu número de cadeiras ampliado de 11 para 13, como decorrência da aplicação da Lei Orgânica dos Municípios, alterada pouco tempo antes do embate eleitoral. Chegou a perder uma vaga, posto que detinha, à época da eleição, dois Vereadores. O PT, como é óbvio a luz de seus minguados, nada obteve em termos de

representação.

CAJAZEIRAS- VOTAÇÃO DOS CANDIDATOS A PREFEITO

1982

<u>C A N D I D A T O S</u>	<u>VOTAÇÃO</u>	<u>PERCENTUAL</u>
<u>PDS</u>		
Epitacio Leite Rolim	<u>15.312</u>	80,8
.João Pessoa de Souza	8.190	43,2
Antônio Vituriano de Abreu	7.122	37,6
João de Deus Quirino		
<u>PMDB</u>		
Francisco S.C.Rolim	<u>2.126</u>	11,2
.Geraldo P. Brandão	1.594	8,4
Patricio P. Nogueira	348	1,8
Odízio T. de Sena		
Acácio Braga Rolim	184	1,0
.Geraldo P. Brandão		
<u>PT</u>		
José Maria Gurgel	<u>190</u>	1,0
.José Leite da Silva	190	1,0
<u>Votos em Branco</u>	<u>539</u>	<u>2,8</u>
<u>Votos Nulos</u>	<u>788</u>	<u>4,2</u>
<u>TOTAL DE VOTANTES</u>	<u>18.955</u>	<u>100,0</u>

CAJAZEIRAS- LEGENDAS PARTIDÁRIAS PARA A CÂMARA MUNICIPAL

1982

PARTIDOS	LEGENDAS	PERCENTUAL
.PDS	14.463	76,3
.PMDB	2.073	10,9
.PT	189	1,0
.Votos em Branco	1.015	5,4
.Votos Nulos	1.215	6,4
VOTANTES	18.955	100,0

(\*) Fonte: Cartório Eleitoral da 42a. Zona

Nota: o quociente eleitoral foi fixado em 1.364 sufrágios, de modo que o PDS elegeu 12 Vereadores, o PMDB, apenas um e o PT nenhum.

### As Causas da Derrota das Oposições

- Como explicar tais resultados? Quais as causas de tamanha derrota da oposição em um município de população predominantemente urbana?

Cajazeiras é o quinto colégio eleitoral da Paraíba. Possui um campus da Universidade Federal com cerca de 80 Professores e 1.200 alunos. Na cidade, de 35.000 habitantes, funcionam três emissoras de rádio, seis estabelecimentos de ensino de primeiro e segundo graus, cinco agências bancárias, algumas pequenas indústrias e alimenta movimentado comércio, posto que irradia sua influência direta a cerca de 15 municípios.

A rápida retrospectiva feita no início deste trabalho, não é suficiente para entender o jogo político de Cajazeiras. Muito menos para explicar tamanha disparidade na preferência do eleitorado, expressa na insignificância dos votos obtidos pelos dois partidos oposicionistas estruturados no município. De qualquer sorte evidencia o forte sentimento governista de sua população demonstrado, desde a década de sessenta, com o sistema dicotômico, através das sucessivas vitórias do partido de sustentação política do Governo,

à exceção de uma única vez, conforme vimos antes.

O comportamento do eleitorado cajazeirense foi extremamente cruel para as oposições. Em poucas cidades de porte médio do Nordeste as vitórias do PDS assumiram caráter tão marcante, com índices humilhantes para os adversários. Importa pois examinar as causas que determinaram tais resultados desfavoráveis aos partidos de oposição.

Para maior clareza, convém separá-las em dois grupos de fatores: fatores genéricos e fatores específicos. No primeiro caso, enquadraremos aqueles que foram comuns a todos os municípios nordestinos ou factuais com a situação de Cajazeiras. O outro conjunto de causas diz respeito às condições locais, sua formação política recente, os reflexos da reformulação partidária, a forma como foi conduzida a campanha e outros aspectos ligados ao plano municipal.

### Fatores Genéricos

Dentre todos, o que mais contribuiu para a vitória por margem tão larga, destaque-se o conjunto perverso de regras eleitorais, consubstanciado na consciência de eleição, sub-legenda, vinculação de votos, sob a proteção medieval da Lei Falcão. Essa combinação de alquimias provocou a municipalização do pleito. O eleitor do Interior participou da eleição com sua atenção dirigida para a escolha do Prefeito, muito mais do que para do Governador. Por mais que os opocionistas tentassem conduzir os rumos da campanha para o quadro estadual, a mensagem caía no vazio, mesmo nos estados em que o candidato cabeça-de-chapa possuía carisma indiscutível como em Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. em que pese isso, prevaleceu a disputa municipal. E dentro dessa disputa aconteceu o fenômeno da polarização no interior do PDS. O eleitor posicionou-se entre dois ou três candidatos a Prefeito daquele partido, marginalizando os demais. Esse fato ocorreu de modo generalizado, salvo onde o PMDB reunia condições de batalhar em pé de igualdade, graças a fatores próprios e bem localizados, a exemplo do controle da Prefeitura municipal, lideranças locais fortes inclusive financeiramente,

representação política no legislativo estadual ou federal, ativa e consolidada tradição oposicionista com ou sem base ideológica e outros.

Nenhum desses elementos esteve presente em Cajazeiras. E muitos outros desfavoráveis vieram agregar-se para robustecer o grê mio político governamental.

Um outro fator que contribuiu vigorosamente para a expressiva vitória do PDS foi o profundo desequilíbrio de forças, entendido aqui como a distância que separou a campanha do partido do Governo dos demais grupamentos partidários. Entenda-se, também como a disparidade de suporte financeiro, o apoio de lideranças intermediárias, o uso da máquina governamental e dos meios de comunicação social. Mes mo sendo uma constante em quase todos os municípios interioranos, a intensidade com que ocorreu em Cajazeiras merece ser destacada.

Um aspecto nem sempre apontado como influenciador do fraco desempenho oposicionista no Nordeste, foi a confusão na mente do elei tor, gerada pela reformulação partidária. Afeito a um esquema, formal mente maniqueísta, que confrontava governo versus oposição, o surgimento de mais de um partido oposicionista perturbou a simplicidade da opção do voto. Ainda que não tenha sido decisiva, essa dificuldade a mais, na já fraca capacidade de percepção do eleitor, contribuiu de alguma maneira para facilitar e ampliar a vitória governamental.

### Fatores Específicos

Analisemos os reflexos da reformulação partidária no âmbito do município de Cajazeiras. A extinção da ARENA e do PMDB, e a conseqüente formação de novas agremiações, produziu profundos efeitos no cenário político Cajazeirense.

Os líderes partidários arenistas foram todos para o PDS, sem exceção. As lideranças emedebistas seguiram dois caminhos: a velha guarda pessedismo local abrigou-se na legenda do PMDB, enquanto que o líder populista Bosco Barreto filiou-se ao PP, ainda que dando, des de os primeiros passos na formação desse partido, sinais eviden-

tes de sua insatisfação, como é muito comum em seu comportamento político.

Quando da incorporação do PP pelo PMDB novas composições sucederam, desta vez, influenciadas pelo desdobramento do fato a nível estadual, notadamente, no que respeita à posição do Deputado Marcondes Gadelha. Votado em Cajazeiras, desde sua primeira campanha eleitoral, aquele político sempre desfrutou de largo prestígio junto à população Cajazeirense. Sua decisão de aderir ao PDS causou profunda repercussão em nosso meio porque arrastou nas malhas de suas generosas promessas de apoio financeiro a maior expressão eleitoral do oposicionismo local, o suplente de Senador Bosco Barreto, que, àquela altura, já estava ansioso para aliar-se com grupo que lhe propiciasse condições de movimentar-se com desenvoltura, de bolsos cheios para aplacar a "fome" dos que o cercam, com trio elétrico e outras atrações.

Convém esclarecer que outros fatores pesaram na decisão de Bosco Barreto, entre os quais, a iminência de seu enquadramento na Lei de Segurança Nacional, como consequência de processo em tramitação, por iniciativa do Ministro do Interior, sob a alegação de ofensas à autoridade constituída. O rumoroso processo já havia levado, meses antes da reforma partidária, a que a Polícia Federal prendesse o suplente de Senador pretextando forçá-lo a depor acerca do assunto, atitude que era recusada sistemática e conscientemente por ele.

Passando para o lado do Governo que sempre combateu, Bosco Barreto não moderou sua linguagem oposicionista, pelo menos no que respeita aos ataques, até mesmo pessoais, como de seu estilo, ao Prefeito Matias Rolim e seus aliados.

A adesão de Bosco Barreto ao PDS desarticulou o nascente PMDB Cajazeirense, desde a época da campanha de 1972 habituado a seguir o rumo sinuoso imposto por seu líder mais expressivo. Essa desestruturação foi tão intensa que se difundia a versão de que o PMDB se extinguiu...

Além do reflexo objetivo, o reforço das hostes governistas causou um impacto psicológico altamente negativo no sentido de,

na prática, colocar à mostra a incapacidade de sequer admitir-se a vitória do PMDB no plano municipal, ampliando, dessa forma o efeito perverso da polarização dentro do PDS, e retirando o pouco que restava da chance de estabelecer-se, no decorrer de luta eleitoral, novos arranjos de modo a beneficiar o PMDB. Desequilíbrio de forças era gritante. Manifestava-se através de numerosos aspectos, a começar pelo próprio número de adeptos, filiados ou não, a cada partido. O PDS, como é natural, controlava a máquina governamental, representada pelos organismos federais, estaduais e a própria Prefeitura que exerce na política interiorana um papel fundamental no balanceamento de forças em época eleitoral. Entre os Órgãos federais que mais se prestam ao exercício do clientelismo político funcionando em Cajazeiras, podemos destacar as entidades previdenciárias de assistência médica.

Os Órgãos estaduais são mais vulneráveis à influência dos chefes políticos e mais facilmente manipuláveis. O Hospital Regional de Cajazeiras, as representações locais do DETRAN, do IPEP, do ensino supletivo, da EMATER, da SAELPA, CAGEPA, SUPLAN e outros reforçavam de modo indiscutível o trabalho de arregimentação de votos dos candidatos pedessistas. Note o leitor que não alinhamos no rol das entidades governamentais os tradicionais instrumentos de manipulação político-eleitoral, representados pelo controle da autoridade policial e das agências arrecadadoras de tributos, eficientes e eficazes meios de convencimento...

Uma idéia mais clara do desequilíbrio de forças pode ser indicada ao examinar-se o engajamento de pessoas que, de modo geral, induzem parte significativa da comunidade a adotar determinada conduta eleitoral. É conhecida a importância que os profissionais da Medicina exercem no campo político, em virtude do contato permanente que mantêm com todos os segmentos sociais, no atendimento ambulatorial ou hospitalar. Pois bem, dos trinta e tantos Médicos que trabalham em Cajazeiras apenas um teve condições de, abertamente, ficar ao lado do PMDB, ainda assim porque mantinha relação de parentesco estreito com um dos candidatos a Prefeito por aquele partido...

Outros fatores menores contribuíram para ampliar a

marginem da derrota oposicionista em Cajazeiras, sobretudo porque funcionaram como elementos dificultantes da campanha peemedebista, como entraves à boa aceitação da mensagem. É fora de dúvida que o hábito do Cajazeirense de votar em Wilson Braga, desde 1962, quando se candidatou, pela primeira vez, a Deputado Federal teve seu peso no resultado. O eleitor já estava afeito com o estilo, com o nome do candidato, muito embora Antônio Mariz não fosse um estranho, posto que sempre teve razoável votação em Cajazeiras. Mas não era considerado um político da terra, como sucedia com o atual Governador que, sendo de Conceição, fazia questão de dizer-se Deputado de Cajazeiras:

Registre-se ainda a candidatura de Edme Tavares a Deputado Federal, cuja significação era dada pela perspectiva de Cajazeiras voltar a ter um filho legítimo na Câmara dos Deputados, o que não ocorria desde a época em que Ivan Bichara afastara-se do Parlamento, no início dos anos sessenta. Isso foi explorado pelos que apoiavam aquele Deputado, com boa receptividade, através do estímulo ao bairrismo, insinuando eliminar-se uma das grandes frustrações políticas de Cajazeiras, que a inferiorizava frente a outros municípios de porte semelhante, na mesma região sertaneja, a exemplo de Patos, Sousa e Pombal que sempre conseguiam manter na Câmara Federal, pelo menos um representante autenticamente da Terra.

Esses fatores são expressivos não apenas pelo efeito psicológico, mas também pela importância real de abrir-se um canal de relacionamento direto com os escalões federais sediados em Brasília, na Órbita do Governo Central, o que amplia de modo espetacular as chances do clientelismo com todos os seus raios de alcance.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do pleito de 1982, em Cajazeiras, podem ser considerados normais, apesar da magnitude da vitória do PDS,

ali alcançada, uma das mais significativas na Paraíba e, no âmbito das cidades de porte médio do Nordeste, comparáveis aquelas obtidas em Sobral, Juazeiro do Norte, Iguatu e Crato, no Ceará, Irecê, Senhor do Bonfim e Guanambi, na Bahia ou Salgueiro, em Pernambuco.

A classificação de norma deve ser entendida como o desfecho do processo de declínio da oposição, desde 1974, quando atingiu seu climax, com a vitória do Senador emedebista Rui Carneiro.

Esta questão se coloca: É possível manter um município importante como Cajazeiras debaixo do tacão governista? A que pode atribuir tão arraigado sentimento governista? Existe de fato tal sentimento? Que caminhos podem ser trilhados pelos que desejam inverter a tendência até agora observada?

Impossível responder a todas essas perguntas nos limites deste artigo. Pode-se levantar alguns pontos naquela direção, com intuito prospectivo, começando por questionar a existência de tendência governista no sentido de uma atitude passiva de sua população frente ao poderio da máquina pública. Em muitos episódios de nossa história ficou demonstrado o espírito de rebeldia, expresso em movimentos de massas conduzidos por lideranças que não souberam dar forma organizada a essas manifestações semi-espontâneas, como sucedeu com Raimundo Ferreira, em 1963, e Bosco Barreto, mais recentemente.

O comportamento governista de Cajazeiras é fruto de uma bem articulada manipulação das máquinas oficiais de fazer favor, racionalmente distribuídas entre as facções que compõem o partido do Governo, combinado com certa incapacidade da oposição de captar as inquietações e traduzir de modo a intuição das camadas pobres do município de segmentos médios, potencialmente menos dependentes do poder dominante.

A curto prazo, o caminho para o rompimento de tal quadro depende da ocorrência de alguns fatores, como por exemplo, a desagregação da frente pedessista, provocada por uma causa, a essa altura, totalmente imprevisível e quase irrealizável. O poder possui humo suficiente para permitir o vicejo de suas várias plantas de sustentação e cimenta com suas vantagens, os acordos internos ou a sim-

ples convivência sob o mesmo teto partidário, mercê de uma única a rinidade: a gana de disputar a maior fatia do prato oficial.

Outra alternativa para a mudança do cenário atual é a realização de intensa mobilização de âmbito local, a partir de algum fato novo que possa emergir do marasmo político paroquial. Este caminho também se afigura de difícil exequibilidade, posto que depende de algo indefinido e, talvez, nunca coerente. Ademais, im põe-se a presença de lideranças competentes e preparadas, política mente, para transformar um fato aleatório em instrumento de libera ção de forças latentes.

No curto prazo pode surgir, ainda, a oportunidade de a proveitar-se fator externo de mobilização, como por exemplo, a eleição direta de Presidente da República, conduzida de modo a empolgar as grandes massas e, como decorrência, o eleitorado local, despertando-o para a significação do voto e de sua própria liberta ção do eixo da dependência.

A médio e longo prazos, é possível tentar-se uma sólida alteração do panorama político prevalecente em Cajazeiras, através da organização das massas camponesas e dos habitantes dos bairros periféricos, usando como instrumentos de trabalho as associações de bairro comunitárias, sindicatos e partidos políticos. Essa via esbarra em obstáculos de toda a ordem, a começar pelo próprio nível estrutural de pobreza que não comporta muita doutrinação desacompanhada de respostas imediatas para seus problemas agudos: a fome, as doenças, a falta de emprego, de educação para os menores, de ca sa para morar e um rosário de outras coisas. Daí porque só prosperará a tentativa de conscientização que vier acoplada a um esquema assistencialista, capaz de funcionar como bálsamo do corpo, sob pe na de correr o risco do descrédito e do lirismo poético fadado ao insucesso.

Impossível transplantar para o imenso grotão do semi-ári do nordestino as práticas das zonas super-urbanizadas do Sul do País, onde a massa operária existe e sente necessidade de aglutinar-se em seus sindicatos e sociedades comunitárias. Irreal, também, é querer estabelecer analogia com a situação prevalecente nas áreas

úmida da zona da mata nordestina caracterizada por sistema de produção e relações de trabalho que favorecem as manifestações de rebeldia e a organização efetiva das massas camponesas tendo no Sindicato seu mais destacado instrumento de luta e nos partidos de oposição o canal de expressão de sua vontade eleitoral.

TEXTOS UFPB-NDIHR JA PUBLICADOS

1. Rastro da Tragédia  
Mauro Guilherme Pinheiro Koury- agosto/83
2. Preço da Terra, Taxa de Juros e Acumulação Financeira no Brasil  
Claudio Antonio Gonçalves Egler- setembro/83
3. Movimentos Sociais e Meios de Comunicação. Paraíba 1917-1921  
Antonio Albino Canelas Rubim- outubro/83
4. A Contribuição à História dos Socialismo no Brasil: A Construção  
do Partido Socialista Brasileiro  
Silvio Frank Alem - maio /84
5. O Solo Urbano e Desenvolvimento Capitalista  
Tamara Tania Cohen Egler- outubro/84
6. Trabalho. O Capitalismo Adiantado e a Classe Operaria Um Novo Sin-  
dicalismo.  
Joana Neves - fevereiro/85
7. Sobre Bananas e Bananeiros: Produção Mercantil e Relações de Tra-  
balho- Jacob Carlos Lima - Janeiro/85
8. Clientelismo e Máquina Estatal nas Eleições de 1982  
Maria Antonia Alonso de Andrade- fevereiro/85
9. A Igreja Popular na Imprensa Paulista  
Joana Neves- fevereiro/85
10. A Fome não tem Partido  
Maria Nelly Cavalcanti setembro/85
11. UFPB: Implicações Políticas e Sociais de sua História  
Maria das Dores Limeira  
Zeluíza da Silva Formiga- abril/86
12. NEO- Coronelismo e Perspectivas Eleitorais na Nova Republica  
Maria Antonio Alonso de Andrade
13. Catolé do Rocha- Notas a Propósito de um Domínio Oligárquico  
Neiliane Mala - maio/86